

A literatura infanto-juvenil como um caminho para o despertar da leitura

NASCIMENTO, Marques do.

edenildomarks@bol.com.br

SANTOS, Josane Batista Santos (Orientadora)

Graduada em Letras e História, Mestre em Literatura Brasileira, Professora dos Cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes - UNIT

RESUMO

Este artigo teve como objetivo produzir algo que condensasse de uma só vez, em partes diferentes, um pouco da história da escola, da educação como um todo, uma pesquisa de campo em algumas escolas da rede particular e pública de ensino buscando traçar um perfil atual das nossas escolas, no que diz respeito à leitura. E por fim, apresentar os resultados da pesquisa sugerindo uma série de alternativas de como tentar seduzir os alunos da quarta série do Ensino Fundamental para o hábito constante da leitura. Para que isso fosse possível, o autor do trabalho buscou como fontes de pesquisa, vários livros, fez consultas a alguns “sites” da Internet e elaborou dois questionários que serviram para serem aplicados aos professores e deles extraiu todos os dados necessários para o trabalho monográfico. Entre vários problemas abordados, destacam-se o sucateamento das bibliotecas e escolas brasileiras, a falta de preparação pedagógica por parte dos professores, aliados aos baixos salários recebidos por eles. Foi possível destacar que em muitos casos, a falta de estímulo dos alunos, no que diz respeito à leitura, parte, antes de mais nada, da própria casa deles, da família, que além de não incentivar a leitura aos seus pequeninos, não possui uma melhor condição financeira para disponibilizar aos alunos, meios que servem de caminho para a conquista do hábito de ler. Assim, este trabalho apresenta uma parte introdutiva, uma segunda parte onde foram desenvolvidos os temas e a etapa final, em que o autor, se baseando em citações de obras de Ezequiel, vai mostrando uma série de alternativas de trabalho a serem utilizadas pelos professores em sala de aula, para que a conquista do leitor juvenil seja possível, e assim, seja dada uma contribuição para que se amenize o problema da falta de leitura que assola o país.

Palavras-chave: problemas, pesquisa, leitura.

Iniciar um artigo científico, tendo como tema a leitura, é sempre desafio visto que este é um assunto tão debatido por inúmeros autores e ao mesmo tempo tão vasto, com tantas questões a serem levantadas e discutidas. Porém é de grande utilidade, pois o problema é sério e atinge desde as camadas mais favorecidas até as de menos condições financeiras, sendo que na segunda, o problema se mostra com maior intensidade.

O problema é geral, independe de classe social e traz consigo uma série de fatores que são “agravantes”, para que a crise se acentue.

Contudo, apesar das dificuldades existentes, um trabalho mais eficiente capaz de tentar reverter o quadro e com resultados concretos é possível.

Isso porque será feito um estudo acerca dos causadores desse “déficit” de interesse pela leitura, com o intuito de se buscar táticas de trabalhos diferentes do convencional para agradar aos alunos e despertar neles o interesse pela descoberta do fantástico mundo literário.

Um dos principais problemas dessas obras é a questão do português rebuscado, trazendo uma linguagem utilizada num tempo distante do atual. E como sabemos que a linguagem ora evolui e influi na língua normativa, os alunos se deparam com essas obras e estranham, sentindo-se muitas vezes desestimulados para a leitura.

Sabemos da variedade de níveis econômicos no nosso país, somos heterogêneos, temos a sociedade dividida em classes. Isso acontece em todas as partes do Globo, mas, limitando-se a falar do Brasil, sabe-se que a sociedade divide-se em classe baixa, aquela que por ser pobre não tem acesso à leitura, escolas teatros, cinemas, e uma série de outras opções; classe média, que tem acesso a boa parte desses privilégios; e classe alta, a dominante, para quem a escola se moldou. Porém, essa última é minoria neste país, a segunda atinge um nível populacional um pouco maior, mas está longe de ter a quantidade da primeira, que é a grande massa do povo brasileiro. Por isso também a forma de linguagem dominante é a que eles têm acesso.

Ao chegar à escola, o aluno se depara com um mundo que dita regras de um grupo privilegiado, e assim a linguagem utilizada pelos professores e presente nos livros depararem com os textos dos livros, pois na maioria das vezes é o que eles dispõem para leitura, sentem-se inferiorizados por não dominarem o vocabulário presente nestes textos e até mesmo, por não terem o costume e nem incentivo para pesquisa em dicionários, acabam sem entender o que na maioria das vezes está escrito, seja em textos, livros ou até mesmo jornais.

Daí a importância do professor valorizar, inicialmente, a linguagem do mundo dessas crianças, fazendo com eles fiquem à vontade para diálogos e recepção de idéias dadas pelos professores. Quando há essa interatividade e valorização com o aluno, o aproveitamento é bem maior e rompe-se aí a primeira barreira rumo ao objetivo tão sonhado por todos nós educadores.

Reforçar nos alunos a sensibilidade para diferentes usos da linguagem, conscientizando-os da existência de variações dialetais e do seu prestígio social e relativo.
Caracterizar adequadamente o dialeto padrão como variação socialmente prestigiada, mas equivalente ao dialeto da criança do ponto de vista da expressividade e comunicatividade (valorização do dialeto da criança) Franchi, Eglê p. LIII 1984

O aluno ficará mais solto, desinibido para buscar compreender o que os textos lidos querem dizer e o professor deverá aí mesclar estes textos em livros com os materiais em jornais ou revistas que se aproximem um pouco mais da realidade deles.

Materiais estes com a linguagem mais atual, mais próxima da fala cotidiana deles.

É difícil falarmos do problema da leitura, sem tocarmos na questão social existente no que diz respeito às classes econômicas, pois essa deficiência se dá em todas as classes baixa ou alta, sendo que em cada uma, a situação ocorre de forma diferente.

Na classe favorecida economicamente, as crianças têm acesso aos livros, bem com dinheiro para adquiri-los quando quiserem ou houver necessidade. A questão é: como

despertar o hábito da leitura? ou, quando esse gosto já existe, como trazê-los para a degustação de livros que fazem parte do contexto escolar?

Pois temos visto que esse público até que lê livros, mas estes são obras muitas vezes fora do contexto e o simples fato de não fazerem parte do programa da escola, parece despertar o prazer da leitura nos alunos. Será o fato da leitura não obrigada ser melhor ou será o conteúdo que esses livros trazem é que mexe com o íntimo delas?

Essa é uma proposta que nos lança direito ao problema econômico pelo qual passa o nosso país. O pouco que se pode comprar, limita o desenvolvimento da leitura.

Só é lido o que é indicado e quando o aluno consegue adquirir esse material, pois a educação é deixada em último plano por motivos que interessam principalmente à classe política desse nosso país de terceiro mundo.

Esse é um dos fatores que mais vem dificultando o trabalho do desenvolvimento da leitura nas salas de aula.

São incontáveis as escolas que trabalham na base no improviso por parte dos professores que precisam se desdobrar para dar uma aula um pouco melhor. Quando o estado fornece material didático, isso já acaba sendo uma grande vitória, visto que existem lugares onde o descaso é total. Ainda assim, nessas escolas públicas onde o material didático é fornecido, quase sempre faltam os paradidáticos que são romances ou assuntos ligados as outras disciplinas.

Como já vimos anteriormente, é preciso reforçar que nas escolas particulares, a realidade é um pouco diferente; o material é comprado pelos pais dos alunos, que por sua vez têm um poder aquisitivo maior. Nesse caso o resto ficará por conta da dinamização do professor na sala de aula ou até dos pais em casa (isso quando possível, pois alguns pais trabalham fora de casa o dia todo e a responsabilidade da educação acaba ficando com a

escola). Situação que tem acontecido com freqüência. Falta um acompanhamento por parte dos pais.

A necessidade de uma renda maior vem cada vez mais afastando os pais de um contato maior com os seus filhos e impedindo o acompanhamento por parte deles.

Com o intuito de preencher o tempo, seus pais os colocam, além da escola, em cursos de informática, 'ballet', línguas, tendo contato com eles muitas vezes somente à noite, momento que retornam às suas casas a fim de descansarem.

Assim, vemos além de outros problemas, a falta de um material mais extenso, mais variado, implicar na deficiência do ensino escolar, também um problema a ser resolvido.

Acreditamos que os resultados serão melhores na medida em que os subsídios fornecidos tenham qualidade, diversidade e quantidade suficiente. Em último caso, sugerindo alternativas mais condizentes à nossa situação econômica e com a realidade do aluno pode-se desenvolver o trabalho aproveitando o que ele possa trazer do seu dia-a-dia para ser apregoadado ao material da escola.

Os professores reforçam e consolidam os seus movimentos no sentido de reivindicar melhores condições para si e, nestes termos, poder trabalhar com mais dignidade. (...) No bojo das condições de trabalho e de ensino deveriam entrar, também, as condições para o acesso as livros e para a realização das leituras diversas. (SILVA, 1998, 15)

É possível a partir deste compreender porque temos tantos problemas com a leitura. Entre outros podemos citar: má alfabetização, distúrbios no que diz respeito a aprovação e condições pedagógicas precárias dos professores.

Ainda que muitas causas dessas sejam óbvias, a desvalorização do profissional de educação é a mais grave, ou seja, há que se rever as condições pelas quais ele passa, pois sabemos que serão formadores de profissionais de todas as áreas. E é ainda pior a vida de um professor que alfabetiza.

O salário de quem alfabetiza é um atentado. Não há condições de uma busca de aprimoramento desse profissional, visto que ele mal ganha para se manter e apesar da

preocupação da escola em ter profissionais bem qualificados, poucas investem neste setor que deveria ser prioridade.

Pouco pode indicar um professor que pouco conhece. Pior ainda para quem trabalha com alunos que pertencem às classes sociais superiores e privilegiadas. Enquanto esses alunos estão integrados a um mundo em que tudo é adquirido com facilidade, por vezes, alguns de seus professores possuem um simples computador para estarem sintonizados com o mundo informatizado.

Então é que a quantidade começa a ter maior importância que a qualidade. Tem-se que se trabalhar dia e noite para se ter um nível de vida razoável. Na maioria das vezes o professor não tem tempo para fazer cursos de especialização, pois precisa trabalhar em tempo integral para conseguir um salário digno e, quando não trabalha em tempo integral, não tem condições de ter acesso a como Internet, viagens...

Por esse motivo o professor fica meio desatualizado, principalmente quando o aluno é da classe média ou alta, pois ele já tem conhecimentos que os professores só têm como meio de acesso: os livros.

O profissional (professor) dever realizar um verdadeiro “jogo de cintura” para conseguir seduzir o aluno para a leitura mostrando que o livro também tem algo a acrescentar à sua vida, e não apenas computadores e viagens.

Nesse ponto de pesquisa, é bom destacar, ainda que de forma breve, um referencial que basicamente por si só levantará um dos maiores problemas enfrentados por profissionais da educação: o problema econômico. Muitos educadores possuem a mesma idéia a respeito de educar num país como o Brasil (a de que ensinar é um sacerdócio). Dedicção exclusiva quase que por vinte e quatro horas, para simplesmente poder viver com um salário que mais parece caridade. E daí, como é possível para um profissional formar profissionais de todas

outras áreas, sabendo menos, conhecendo menos e tendo acesso a uma tecnologia sucateada, pois só um pequeno número de escolas possui verbas para bancar todas as necessidades?

Língua Portuguesa hoje é muito mais um caso exclusivo de correção gramatical, pura e simplesmente, do que um conhecimento contextualizado entre gramática e interpretação de texto. Tendo todo um trabalho de sanar problemas que deveriam ser divididos com todos os professores de todas as disciplinas, como isso não acontece, fica o professor de Língua sobrecarregado e impossibilitado de propiciar a leitura pelo prazer de ler.

Sabemos que tudo isso é fruto do descaso a que a educação está submetida nas últimas décadas, pois vivemos num país capitalista onde a educação não é priorizada. É importante que o educando seja incentivado a se relacionar com a leitura diversificada e não apenas com o livro didático que, na maioria das vezes, é adotado pela Escola sem sequer atender para a realidade do aluno. O livro didático não busca experiências diversificadas pelo aluno no meio em que vive, e o conteúdo torna-se algo meramente abstrato para compreensão das crianças.

“Leiturizar” alguém significa colocá-lo em contato direto com a escrita que é uma linguagem autônoma que permite a reflexão sobre o pensamento e não uma simples transcrição de linguagem oral, como a alfabetização faz acreditar. Nesse contato com a produção escrita é que se percebe o poder dessa linguagem de dar sentido às coisas e de dissimular pontos de vista. O bom leitor lê não só por necessidade, mas também para superar as dificuldades e para transformar a realidade.

O movimento de transmissão do saber se faz da sociedade para os jovens por intermédio da Escola. A Escola não inventa nada, apenas transmite ou permite construir um saber que já existe fora dela. Num período de mudança, a Escola tem um novo papel mais importante que o anterior, ela deve ser ao mesmo tempo um local de formação de jovens e de produção de bens simbólicos do saber, o que deve ser feito com a sociedade. Faz-se

necessário estimular o educando para lhe despertar o hábito da leitura, não só pelo simples fato de ler, mas também para que sirva de objeto de reflexão e o leve a pensar a valorizar a leitura com algo importante no processo de desenvolvimento e, posteriormente, isso influenciará o nível cultural dos indivíduos. É através da prática de leitura que o indivíduo conseguirá redigir melhor e ampliar o horizonte do saber e ter uma melhor visão do mundo, mais consciente, mais crítica e conseqüentemente mais participativa.

A questão da responsabilidade da leitura é uma espécie de “bomba relógio” da qual jogamos de um por outro, como uma bola de futebol ou como num jogo de queimado. O que acontece é que a leitura é responsabilidade de todos, não só da escola ou do professor de Língua Portuguesa, mas também dos pais que ficam a maior parte do tempo com os filhos, podendo quando possível lhes ensinar a ler melhor e a gostar dos contos de fada. E também responsabilidade dos professores que atuam em outras áreas como: Geografia, História... enfim.

A compreensão da leitura é essencial para que, mais adiante, possamos pôr em prática nossos conhecimentos. Essa compreensão inicia-se com a leitura atenta do texto, que nos levará à sua compreensão. Mas para isso é preciso ler devagar, com atenção e procurar conhecer todas as palavras. Isso requer o uso constante do dicionário, que nos levará ao conhecimento das palavras desconhecidas.

Devemos compreender o testemunho em seu conjunto em qualquer uma de suas partes (o significado das palavras e a mensagem transmitida). A interpretação corresponde à fase da explicação.

O texto pode ser um fragmento de um poema, de um romance, de um livro didático, ou pode ser um texto independente. A explicação do texto consiste em justificar cada uma das variações formais desse texto como uma exigência do tema que é extraída do princípio e

consiste em ir comprovando frase por frase ou parágrafo por parágrafo. Com isso, torna-se mais fácil a compreensão do texto analisado.

Um dos maiores problemas que levam a falta de aptidão para desenvolver o hábito pela leitura, está ligado à falta de preparação intelectual da família do educando bem como a má formação profissional da educação. Uma vez que a criança deverá ser despertada pela leitura, mesmo antes de freqüentar a escola onde a leitura infantil desempenha um papel fundamental nesse processo complexo e abrange diversos fatores como conhecimentos lingüísticos prévios do assunto do texto, motivação e interesse na leitura, etc.

A leitura não é somente uma atividade visual, ou seja, uma informação percebida e captada só pelos olhos. Podemos ver com clareza um texto e não conseguirmos ler por estar escrito em um idioma que não entendemos. É possível ainda que um leitor não consiga ler um texto que embora escrito em uma linguagem que ele domina, traz informações de assuntos ignorados por ele. Podemos melhor dizer que leitura é o resultado das interações entre o que o leitor já sabe e o que entende no texto.

Sempre que uma atividade se manifesta por intermédio da palavra cai, desde logo, o domínio a literatura. A literatura, porém, não abrange apenas o que se encontra escrito, se bem que essa pareça a maneira mais fácil de reconhecê-la, talvez pela associação que estabelece entre “literatura e letras”. A palavra não pode ser apenas pronunciada. É o fato de usá-la como forma de expressão, independente da escrita, o que designa o fenômeno literário. A literatura antecede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua literatura. Os povos primitivos ou quaisquer agrupamentos alheios ainda a disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória, de boca em boca.

Essa é a literatura oral que, quando se escreve, é como registro *folclórico*. Registro que não impede a continuação de sua vida sob aquela forma que lhe é própria e na qual sofre as transformações que os homens lhe vão imprimindo sem a corromperem.

Essa concepção de que na Literatura devem ser considerados um dos grandes aspectos – o escrito e o oral – permite uma pergunta: “Literatura Infantil faz parte da Literatura Geral?” Pergunta a que se poderiam acrescentar mais estas: “Existe uma Literatura Infantil?” “Como caracterizá-la?”

Sabemos que essa idéia de divisão de faixa etária, criança, jovem, adulto surgiu em meados do século XVIII com o intuito de entender melhor essas fases da vida humana, compreender o psicológico deles de acordo com a idade e atitudes:

A construção da imagem o jovem ou adolescente parece ter sido o passo seguinte, (...) dando concretude a visibilidade tanto a faixas etárias anteriores à idade escolar, quanto seccionando os anos finais da adolescência em novas categorias e subcategorias. O resultado é uma visão cada vez mais nítida dos indivíduos e dos segmentos populacionais que, recobertos por tais categorias, tornam-se mais conhecidos e, conseqüentemente, mais acessíveis, controláveis e manipuláveis. (LAJOLO: 2003, p. 14)

Portanto, existe resposta para o questionamento feito acima: a Literatura Infantil existe de fato, pois é baseada em textos metafóricos, no maravilhoso, mas é usada de forma manipuladora. Isso causa de uma certa maneira desinteresse quase coletivo nos leitores juvenis e algumas vezes faz com que os leitores – estudantes busquem para leitura livros que fogem do limite imposto e apropriado para a sua faixa etária.

Evidentemente, tudo é literatura. A felicidade está em delimitar o que se considera especialmente do domínio infantil.

É importante destacar ainda, que depois de abordada toda a problemática da leitura, escolhemos como foco principal a Quarta Série do Ensino Fundamental, pois essa é uma fase de transição da infância para a pré-adolescência. É uma fase de transformação na vida do aluno, grandes mudanças acontecem na vida do estudante que na quarta série tem a “tia” e

passará a ter posteriormente “o professor”, deixará de ter em seu currículo quatro ou cinco disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e ganhará, além de novas, uma subdivisão de algumas existentes.

Uma fase de transição importantíssima, que deve ser aproveitada tentar transformar melhor o aluno, mostrando a ele esses novos caminhos, essas novas possibilidades de leitura e assim, desestigmatizando o hábito de ler.

Questionados sobre a quantidade de livros lidos anualmente, as respostas variaram de dois a vinte e quatro livros por ano, percebendo-se aí, que dois livros é muito pouco para um profissional da educação, que precisa estar “antenado” com as novidades da área, as novas técnicas de ensino e pesquisas que auxiliam bastante no aprendizado do professor, para aplicar os conhecimentos de formar que possa melhorar o rendimento de seus discípulos (os alunos).

Entrevistados alunos e professores, da rede pública e particular de ensino, o que se pôde perceber foi a presença de vários problemas enfrentados nas duas redes, e professores com um trabalho “morno” desenvolvido nas escolas, com respostas dadas aos questionários de maneira que pudessem se esquivar do peso da culpa por não formarem leitores. Sabemos que aproveitaram a oportunidade para fazerem suas reclamações, mostrarem suas deficiências, mesmo que algumas vezes, da maneira mais prudente possível, por não terem certeza do solo em que estavam pisando e não saberem onde os questionários poderiam parar.

Mesmo assim, foi possível detectar uma série de problemas encontrados nessa fase de vida estudantil, em que eles estão se transferindo para uma nova etapa de vida escolar, que é a Quinta Série, fase de tantos medos e incertezas, mas que na verdade é apenas mais uma de uma seqüência e que eles vão continuar com os problemas, tentando amenizá-los da melhor maneira possível.

E esse é o objetivo desse trabalho, não só fazer uma descrição de como andam nossas escolas, nossos profissionais e alunos no que diz respeito à leitura, como também, nessa etapa seguinte, procurar mostrar que apesar de tudo isso, existem soluções a serem tomadas pelos professores, pelas escolas e pelos pais interessados, que podem vir a despertar o hábito de leitura nos alunos, ou pelo menos fazer com que eles sintam-se um pouco mais curiosos em descobrir esse maravilhoso mundo que é o dos livros.

Esta parte do trabalho, além de conclusiva, traz várias idéias a serem adotadas por aqueles que tiverem o interesse, com o intuito de ajudar aos nossos pequeninos que se preparam para ingressar na fase adolescente, digamos assim, com o “pé direito”.

Eu sei que a prática educativa não muda radicalmente antes que radicalmente mude a sociedade mesmo como um todo, antes que a gente transforme as estruturas da sociedade. Mas sei também que não posso é esperar pela mudança radical da sociedade para depois então mudar a educação. É possível ir alternando, ir mudando, ir pondo cunhas no sistema educacional. (FREIRE, apud, SILVA, 1998, 83)

Essas palavras de Paulo Freire sintetizam bem as intenções deste artigo, tentar mostrar que um trabalho diferente é possível, apesar das dificuldades enfrentadas pelos professores, no que diz respeito às deficiências encontradas no exercer da profissão, deficiências nos alunos, nas escolas (estrutura), nas famílias e nos obstáculos para a própria formação.

O que se sabe é que todos são frutos de uma política e uma metodologia herdada da época da ditadura militar, e o que se faz até hoje é reproduzir esses método de ensino.

É necessário a partir de agora, começar a transformar essa realidade, para que possamos dentro de algum tempo, ter alunos que hoje estão na quarta série e amanhã estarão no Ensino Fundamental Maior e até Ensino Médio, com uma outra concepção sobre leitura e do que seja “ler”. Entender que essa é uma prática mais do que necessária, é prazerosa, é compensador. Através da leitura, desenvolvemos uma outra visão do mundo em que vivemos,

desenvolvemos a nossa capacidade crítica, à medida que também, com o costume da leitura, vamos melhorando o nosso vocabulário e passando a escrever melhor. E isso acontece quase que involuntariamente.

No dia em que esse *sonho* começar a se tornar realidade, não será mais necessário passarmos horas à frente da gramática normativa, tentando aprender regras de como escrever e falar melhor. O estudo será necessário, mas tudo se dará de uma maneira mais leve, não será mais um peso para a consciência do aluno, ter que decorar essa ou aquela regra, para depois buscar aplicá-la ao uso do idioma. Na verdade o caminho será contrário. O aluno depois de ter internalizado a maneira formal de escrever e falar, compreenderá mais facilmente o que a tão temida gramática tenta há tantos anos passar para todos os estudantes, sejam eles de que série for.

Tudo quanto se puder fazer para melhorar hoje as condições de ensino e viabilizar às crianças e aos adolescentes de hoje uma possibilidade melhor de compreender a realidade; quanto mais se possa fazer isso, melhor” (Paulo Freire) E a literatura, enquanto um elemento fundamental do processo de ensino, é também sem dúvida, um poderoso meio para a compreensão de transformação da realidade. (SILVA, 1998, p. 83)

É essa consciência que os nossos profissionais de ensino têm que tomar, já que os nossos governantes parecem fazer “vista grossa” para o problema.

É necessário que os professores *vistam a camisa da educação brasileira* e comecem a fazer os seus esforços de maneira que possam modificar esse quadro nas escolas do nosso país.

É o educador que detém o poder de fazer com que os alunos sintam-se mais confiáveis e interessados em adquirir esses benefícios, hábitos que refletirão de maneira positiva na nossa sociedade.

A sala de aula é um campo aberto, podendo ter seu trabalho dinamizado pela imaginação e também pela criatividade do professor. Por isso, vale tudo na hora de chamar a atenção dos alunos, desde o conhecimento de experiências docentes vividas por eles no

passado, a até fatos ocorridos com outros professores que possam servir de exemplo para o próprio aprendizado. Então uma grande aliada do professor é a própria sensibilidade, voltada a várias situações e necessidades dos alunos que vão possibilitar novas formas dos professores para com os alunos.

O processo de trabalho dos professores deve ser planejado, bem organizado, para que os resultados sejam visíveis e eficazes. Por isso, primeiramente, os educadores devem expor para os seus alunos a importância do costume de ler, explicando-lhe que a mecanização e controle de consciências, e que é do interesse deles manter a situação como esta, pois só assim, as classes menos favorecidas vão continuar submissas e sofrendo, sendo massacrado por esses detentores do poder da sociedade.

Para que a sedimentação de leitura na sala de aula inicie, é necessário que tudo aconteça de maneira progressiva e concreta. Portanto, é preciso, inicialmente, que os professores sintam, eles mesmos, o prazer da leitura. Por isso que foi feita a pesquisa entre eles e se buscou tomar conhecimento do que eles têm lido ultimamente. Devem possuir um amplo repertório de leitura, ter conhecimento do que se deve ler. Ter conhecimentos de muitos livros que possam servir para o despertar o interesse da leitura pela alunos. Não dá para imaginar um professor que possa dizer que não gosta de leitura, este naturalmente está no campo de trabalho errado. Se ele não gostar de leitura, então como os alunos poderão gostar?

Através de milagres?

A leitura enquanto um processo que atende a diferentes propósitos, precisa ser “claramente” mostrada às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta. Muitos dos hábitos das crianças são uma decorrência da imitação dos hábitos dos adultos. Por isso mesmo, em situações bem visíveis (na frente de sala de aula, na sala dos professores, no corredor, etc.) Pode-se discutir um livro que está em voga, jornais, revistas, etc... mostrando concretamente, que você professor convive com materiais escritos. (SILVA, 1998, p. 95)

Quando o professor, em meio a uma aula, está falando sobre um determinado assunto, faz uma comparação a algum caso ocorrido em algum lugar. Ou com alguma pessoa, quando o professor diz ter lido a revista “tal”, sobre determinado acontecimento, é importante

notar como os alunos se prendem ao que o professor está tratando. A sala até silencia por completo, caso esteja havendo conversa paralela. Isso acontece porque os assuntos transmitidos por qualquer meio de comunicação, ocorrido nos dias atuais à aula e que estejam tendo repercussão, despertam a curiosidade do aluno. O mesmo acontece com os livros, jornais ou revistas comentadas pelos professores; os alunos ficam com a curiosidade aguçada, e eles buscam na primeira oportunidade, entrar em contato com algo que contenha aquele assunto comentado por professores na classe.

A leitura diária, trabalhada pelo professor, também é de suma importância, e nem sempre ela tem que ser padronizada. O professor pode aí, formar pequenos grupos de alunos para a leitura e o debate entre si.

O aluno deve passar a ter o direito de ler não somente o que lhe é imposto, mas também o que é do seu interesse, ou pelo menos deve haver um acordo entre ambas as partes: professor e aluno.

Uma boa sugestão utilizada por alguns poucos professores, mas que vem obtendo sucesso, é a escolha do livro paradidático, através de uma votação em sala de aula, a democracia pode dar certo. Para isso, é necessário que a escola disponha de livros o suficiente para serem distribuídos entre os alunos, quantidade de um só tema. Por exemplo, *Branca de Neve* uns “vinte ou trinta exemplares”, isso será o suficiente para a distribuição com os alunos.

Primeiro, a partir de reuniões com a coordenação da Escola, ou uma pesquisa por parte do professor de Língua Portuguesa, passando por vários temas, seriam escolhidos alguns títulos. Estes seriam apresentados aos alunos e um breve resumo das obras seria contado a eles, depois seria feita uma eleição, para eleger o preferido da grande maioria da turma, e esse seria o livro a ser trabalhado em classe.

É claro que esse método não agradaria a 100% da turma, mas o simples fato de existirem em classe 70% a 80% dos alunos lendo e comentando sobre a obra, isso já despertaria o interesse da minoria. Esses se sentiriam curiosos para também integrarem com os *coleguinhas* acerca do livro lido em sala de aula.

Caso a escola não tenha livros em quantidade, o professor deve procurar aqueles que disponham ao menos uma quantidade razoável, algo em torno de quatro ou cinco unidades de cada tema, para que seja feito um trabalho em grupo na sala. O professor deve separar a turma em pequenos, fazer círculos de leitura em classe para debates pois os demais alunos podem se interessar pela obra do grupo alheio e posteriormente buscá-la para o próprio proveito.

A aula de leitura deve acontecer como um momento de descontração, um momento de lazer, aparentemente sem pretensão de fazer daquele horário um momento obrigatório. Os próprios alunos que não estiverem dispostos e nem interessados, se sentirão envolvidos em ver seus *coleguinhas* discutindo sobre os textos lidos.

É importante lembrar que tudo na medida do possível deve ser posteriormente debatido em sala pelo professor. Às vezes o assunto coincidirá com a matéria vista do jornal televisa do dia anterior. Tudo isso, esses debates, essas leituras, vão fazendo com que o aluno vá criando interesse em folhear e ler tudo o que encontra à sua frente. No dia-a-dia, na rua, o eu vai lentamente, inconscientemente criando uma visão crítica das coisas, fazendo com que o aluno passe a ler e opinar sobre tudo o que ver.

Entre outros, esse é um dos objetivos, um dos alvos a serem atingidos com a conquista do amante da leitura. “A inserção do educando no mundo da escrita não é uma questão de ou do sacrifício, pois depende de trabalho, de instrumental de trabalho (livros) e de situações significativas de ensino aprendizagem na espera da escola” (SILVA, 1998, p. 20)

Presentear um aluno com um livro, não é uma coisa comum e todos gostam de ganhar presentes. Quando isso acontece, o contemplado se sentirá interessado em conhecer o

livro, satisfazer a curiosidade com o seu novo presente. Esse tipo de *brincadeira* pode ser feito pelo menos uma vez por mês, pois os professores têm ainda uma diversidade de atividades a serem aplicadas aos alunos.

Fazer uso de humor é uma boa alternativa a ser empregada e deve se permitir aos alunos que tragam livros humorísticos para classe, permitindo-lhes contar as piadas que possam ser lidas; o objetivo é gerar muitas risadas e muita descontração. Só é preciso que o professor supervisione o conteúdo, não com o objetivo de censura, mas para controlar a entrada de materiais pornográficos em classe.

“A propaganda é a alma do negócio” por isso devem ser feitos cartazes sobre os livros lidos pelos alunos, colocando junto a eles ilustrações sobre algumas passagens da história, isso estimulará alguns alunos a procurarem conhecer os livros propagandeados.

Para que as aulas de leitura não fiquem presas todo o tempo a livros e mais livros, afinal “leitura”, como diz a Marisa Lajolo, é um tema muito abrangente, é “leitura do mundo”, é sugestivo o uso de filmes em sala de aula que contenham um tema relacionado a um livro a ser lido ou até mesmo um artigo, uma matéria utilizada em sala de aula. Esses filmes podem ser passados anterior ou posteriormente aos livros ou textos trabalhados em conjunto, mostrando que o que foi lido, fala de um mundo atual, faz parte do cotidiano e por isso é de grande interesse da turma.

Nos comentários posteriores, as comparações são bastante rentáveis, as crianças vão adorar “fugir do tradicional” enfadonho e às vezes necessário quadro negro.

Hoje, as crianças vivem a par de tudo ou quase tudo o que acontece na sociedade, por isso, não funciona muito ficar o tempo todo só fantasiando as coisas. Elas gostam de temas intrigantes. Devem ser discutidos e passados temas que sejam atuais, que façam parte da realidade dos alunos, inclusive os trabalhos que dizem respeito ao conteúdo programático, devem conter frases, citações, palavras que façam, parte do dia-a-dia deles.

A proposta de Paulo Freire, de alfabetizar a partir de palavras pertencentes ao universo vocabular dos educandos, ainda se as escolas uma maior preocupação com os textos a serem utilizados, isso em um certo efeito positivo, facilita bastante trabalho do educador, não só no processo inicial de alfabetização, mas também depois que o aluno já sabe ler, o uso de textos contemporâneos é sem dúvida nenhuma, um atrativo para os alunos. Até porque o processo de alfabetização não cessa no momento em que os alunos aprendem simplesmente a decodificar palavras, mas é um processo contínuo de absorção de conhecimentos, pela escola para a vida pessoal e social.

É preciso admitir que, em muitos casos, existe um relativo relaxamento por parte dos professores. Eles se sentem cada vez mais desestimulados, seja por causa da excessiva carga horária, seja pelos salários muitas vezes vergonhosos, seja pelos anos de docência, que tenham os professores formados em outros anos, causarem, e nem procurarem uma renovação profissional.

A verdade é que existem sim meios facilitadores do hábito de leitura. Muitos profissionais que atuam na área têm tentado formas alternativas e sedutoras de trabalho e vêm conseguindo obter sucesso na profissão e nos resultados alcançados. Aliás, diga-se de passagem, essa é a maior recompensa do professor: saber que o seu trabalho está surtindo efeitos visíveis nos seus alunos.

Para que os profissionais possam se sentir mais recompensados, mais felizes com a sua profissão e possam fazer uma real transformação no quadro do ensino brasileiro, seduzindo as nossas crianças ao hábito da leitura, é preciso antes de mais nada “ação”, o momento é esse, é chegada a hora da mudança. Vem aí uma nova geração de profissionais da educação, todos jovens, disponíveis e cheios de idéias para aplicar às salas de aula. É necessário somente que sejam dadas as oportunidades a eles e que os novos educadores por sua vez, tenham paciência, obstinação e determinação para enfrentar os obstáculos que estão

por vir, com um sábio discernimento para mudar o que pode ser mudado e tentar amenizar os efeitos negativos daquilo que não pode ser mudado.

Os professores brasileiros já tiveram que ‘dormir no ponto’ durante muito tempo; é chegada a hora de acordar e de contestar a impostura, a arrogância e o poder das instituições autoritárias que não se renovam historicamente e que, infelizmente, ainda têm as suas antenas voltadas para o passado, reproduzindo a ignorância e a alienação. (SILVA, 1998, p. 43)

Pode parecer ousadia, tentar mostrar um manual de soluções para o problema da falta de leitura com os alunos, brasileiros, pois o problema assume diversas faces, frente às realidades variadas de situações econômicas no nosso país.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Arts Médicas, 1997.

MEIRELIS, C. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Sammus, 1979.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A criança, o livro e a escola**. 2.ed. Global editora. São Paulo, 1989.

FRANCHI, Eglê. **A redação na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Sites consultados:

www.universip.com.br

www.dereir.com.br/senhor_dosaneis/deuses.htm

www.uol.com.br/fliperama/especiais/harrypotter

